

José Maurício de Carvalho

FILOSOFIA E PSICOLOGIA

O PENSAMENTO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL
DE KARL JASPERS

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

INTRODUÇÃO

Esta exposição das ideias de Karl Jaspers está orientada pelo desejo de estabelecer com ele um diálogo no sentido consagrado pela tradição filosófica. Isso tem um significado preciso: respeito às suas ideias e empenho para entender a quais problemas ele procurou responder. É conhecendo bem o que ele queria que podemos marcar nossa posição diante das questões que ele considerou, só assim poderemos avaliar sua contribuição para o movimento filosófico no século que passou e poderemos apresentar uma posição própria para as mesmas questões.

A vida é que traz os problemas, não é o filósofo que os cria a seu gosto independente da cultura em que vive. Quando começa a viver e a pensar o filósofo encontra uma circunstância já existente. Com o objectivo de encontrar os elementos para responder aos problemas do seu tempo, o pensador mergulha na longa tradição intelectual do Ocidente. Nela, espera descobrir os elementos que o ajudem a lidar com as dificuldades que se lhe apresentam.

Na primeira metade do século XX, a discussão sobre a realidade envolveu numa ponta o modo como o mundo aparece na consciência e na outra o próprio funcionamento da consciência na percepção do mundo. Altera-se a visão mecânica do universo iniciada na Idade Moderna com Descartes e Newton, como também se transformam as considerações sobre a consciência formuladas pelo empirismo, racionalismo e as tentativas imediatas de superá-las com Kant e o eclectismo espiritualista de Maine de Biran. Tudo isso parece inadequado aos problemas postos naque-

les dias. A visão de realidade construída no século xx tem como contraponto as discussões de perspectiva suscitadas pela teoria dos *quanta*, pelas teses sobre a relatividade de Einstein, a avaliação da percepção pela fenomenologia e pela psicologia da forma. São duas faces da investigação sobre a realidade que dialogam e se completam. A nova física deparou-se com tempo e espaço relativos e a teoria dos *quanta* com os estudos probabilísticos do movimento subatômico. A nova física deparou-se com uma descoberta intrigante. Se fizermos uma afirmação sobre o movimento encontrado nas partículas de um átomo ao observar um electrão movimentando-se com uma imprecisão ΔP , isso quer dizer que a velocidade desse electrão somente será indicada com uma inexactidão $\Delta \alpha$. A imprecisão $\Delta \alpha$ significa que desconhecemos a trilha do electrão pelo vazio do átomo, sendo-nos possível mencionar apenas que ele se encontrará circunscrito ao ângulo abrangido por $\Delta \alpha$, ainda que em pontos diferentes. Está decretado o fim da compreensão mecânica do universo. Por outro lado, a fenomenologia possibilitou mais do que olhar uma nova forma de percepção do mundo, ensinou que não basta olhar as coisas com uma nova perspectiva, nem voltar-se só para a consciência. Jaspers percebeu a novidade representada pela mudança de paradigma no entendimento da realidade. Ele relata as alterações trazidas pela física quântica, mas o que ele aprofunda é o estudo do funcionamento da consciência distinguindo os estratos psicológicos e filosóficos. O pensador transita da psicologia para a filosofia, disposto a chegar a uma nova teoria da realidade pelo estudo dos fundamentos da percepção e dos processos de fundamentação da consciência. Ele coloca a ciência em contínuo diálogo com a filosofia.

Ao referirmo-nos aos desafios que a vida propõe e aos novos paradigmas criados para respondê-los, queremos dizer que não se pode separar a vida humana da situação na qual ela é vivida, essa é a lição maravilhosa que Ortega y Gasset soube nos deixar. No entanto, é necessário reconhecer com Miguel Reale e António Paim a autonomia da componente espiritual da cultura. As filosofias se relacionam com o seu tempo, mas possuem autonomia na forma de articular as explicações para as dificuldades que esperam resolver.

Por que necessitamos dessas respostas? Porque a vida humana é experiência que pede justificação, o homem não se con-

tenta em viver sem elas. Podemos entender o peso das explicações teóricas de muitos modos, mas sempre as desejamos.

A vida se passa num espaço natural que se modifica na medida em que o homem exterioriza o que considera serem seus valores fundamentais, seus objectivos de vida, isto é, na proporção em que ele objectiva parte do seu mundo. Nessa objectivação, mostra-se o que o homem é interiormente: artista, cientista, filósofo, trabalhador, amante, mas também brutal, finito, inseguro e violento. A objectivação que se faz visível nas instituições culturais possui, portanto, o carácter ideal. O poder de escolher nos mostra o exercício da liberdade e indica que a busca dos fins é de natureza moral.

A ciência experimental acompanhada da técnica foi criação extraordinária dos tempos modernos e nos colocou numa condição excepcional que as gerações anteriores não tiveram. Nossa existência depende cada vez mais de nossa própria decisão. Assim, se a ciência moderna se tornou nosso instrumento para conhecer o mundo, a existência mesma e as possibilidades das escolhas que ela contempla não são avaliadas por essa ciência. Onde a liberdade estiver presente aí estará manifesta a necessidade da filosofia.

A filosofia nasceu num certo momento da vida do Ocidente, mas adquiriu tanta importância ao longo dos últimos dois mil e quinhentos anos que não podemos mais viver sem ela. E nosso tempo experimentou tão intensamente as consequências da crise nascida da falta de atenção com o pensar, que olhamos a nossa existência em meio a conflitos e divisões não considerados na irreflexão contemporânea.

De que dificuldades falamos? A história humana regista períodos de maior e menor mudanças. Muitos foram os filósofos que reconheceram que a história contém períodos de maior e menor transformações. O século que terminou está entre os primeiros. Foram muitas as modificações, das quais lembramos as seguintes: revolução soviética de 1917, a crise da bolsa de Nova Iorque de 1929, as duas guerras mundiais e suas consequências, o despertar das nações asiáticas e africanas, as guerras étnicas na península balcânica, a insegurança crescente nas grandes cidades do mundo, o aumento do poder dos traficantes de drogas, a revolução tecnológica com suas mudanças na vida das pessoas, o terrorismo e o renascimento do fundamentalismo religioso es-

timulando novas formas de violência. As dificuldades trazidas foram tantas, e de resultado das mudanças deixaram resultados tão perturbadores na vida das pessoas que muitos filósofos passaram a falar de crise para se referir a esse momento de transformações acentuadas. Houve os que anunciaram a decadência do Ocidente e a perda de seus valores fundantes; a maioria, contudo, não foi tão longe. Conhecer as explicações para o que se passou neste último século é fundamental para compreendê-lo, investigar a filosofia que o século xx nos deixou é uma necessidade do nosso tempo.

Neste universo humano de profundas transformações, a filosofia deixou de frequentar os círculos sociais, perdeu a importância que já teve em outros momentos da história. A maioria das pessoas não a leva a sério hoje, como não a levavam no século passado. O que o filósofo pensa de toda esta rejeição contemporânea ao exercício da razão? Jaspers (1983) diz que, em seu tempo, na universidade alemã, ela «era polidamente respeitada, mas no fundo era objecto de desprezo» (p. 139). As novas fontes da violência, os inimigos do humanismo e os herdeiros de uma visão estreita de ciência espalharam que a filosofia nada tinha a dizer ao homem contemporâneo, além de afirmar que ela carece de interesse prático. No entanto, o que se passa é mesmo o contrário, é a irreflexão a raiz de muitos dos problemas que identificamos em nosso meio. É urgente mostrar os riscos de uma sociedade que abandona a reflexão filosófica, pois, ao que parece, a actual geração ainda não reverteu de todo a tendência das últimas décadas.

A filosofia traz para toda essa circunstância uma resposta; ainda não sabemos bem todos os seus elementos, mas algo já se percebe, a filosofia é a melhor chance de superarmos nossos conflitos e divisões. A procura honesta da verdade e do sentido para nossas vidas nos coloca em movimento de aproximação com outros homens. Precisamos assumir a responsabilidade pessoal de fazer escolhas que nos engrandecem, não é dada ao homem a possibilidade de renunciar a essa tarefa. Essas escolhas implicam a convivência com o outro, nenhuma liberdade ocorre no vazio, nenhuma liberdade é vivida só. Somos únicos, isso é facto; mas a existência singular, a individualidade ontológica, não é sinónimo da ausência de pessoas no espaço vital que ocupamos.

As teses de Karl Jaspers, que analisamos a seguir, revelam um homem envolvido pelos conflitos do século que acabou. As consequências daquele tempo ainda hoje estão presentes em nossa vida. A falta de atenção para com a filosofia alimenta a violência, o terrorismo, as perseguições políticas, a guerra, a dor e a muita coisa mais que faz a vida não valer a pena.

Este trabalho foi desenvolvido em três capítulos. No primeiro, exploramos os aspectos das ideias de Jaspers que o aproximam do movimento existencialista. Ele será muito tocado pela insegurança e pela dor da vida humana aumentada nos momentos de crise. As dificuldades deste mundo revelam muito sobre o homem, os limites que fazem o entorno de sua vida. O homem do século XX deparou-se com a presença permanente da morte, das dores da solidão, desses elementos que nos cercam e que vão consumindo nossas forças e escurecendo nossos sonhos. Jaspers trata as dificuldades que não podemos vencer como situações-limite, ele pensa a vida mergulhada nas contradições existentes em um ente brutal, mas que também é capaz de fazer boas escolhas. Muitos existencialistas ficaram na desrazão, na renúncia aos valores tradicionais, limitaram-se à descrição da dor de existir. Jaspers quer mais do que isso. A filosofia que surge de suas análises não é a pura descrição da realidade existencial; por isso, ele não se sente à vontade com a designação de existencialista. No entanto, o filósofo concorda que elabora uma filosofia da existência como resposta para tudo o que procurou a tradição ocidental ao longo de sua história. O existencialismo é, para ele, a filosofia de sempre com a roupagem de um tempo de dificuldades.

O balanço que Jaspers realizou da tradição filosófica e da própria condição histórica do homem está resumido no final do primeiro capítulo e propicia-lhe a elaboração de uma filosofia na qual articula o método fenomenológico para chegar a um dos mais intrigantes conceitos filosóficos dos nossos dias: o englobante.

O englobante não é sujeito nem objecto da consciência, mas é aquilo que propicia ao homem pensar e tratar dos mais variados assuntos. Os diferentes modos do englobante se articulam ao longo do segundo capítulo em meio aos temas que ele emprega na elaboração de sua filosofia. Como a fenomenologia toca fundo no conceito de realidade, ele busca entender o que é isto que os homens denominam realidade.

As dificuldades em torno do tema apontam para o problema de saber se a falta de possibilidade de alguém participar de um conceito comum de realidade é algo doentio ou decorre de uma opção existencial. Jaspers examina o assunto nos textos que reunimos no terceiro capítulo. Ele começou a pensar esse assunto como psiquiatra; depois, esse problema deixou de ser visto na óptica da ciência e o arrastou para uma investigação filosófica. Procuramos deixar claro como Jaspers aposta na abordagem científica dos factos psicológicos, mas como ele também entende que o reconhecimento da liberdade existencial deve ser uma preocupação continuada do terapeuta, tanto na hora de ele pensar a sua vida diante daquele que lhe apresenta a sua quanto no momento de examinar as possibilidades de seu cliente. A fenomenologia abriu caminhos na hora de examinar os factos psíquicos. A psicanálise também ajudou a entender muita coisa nesse campo, em especial, esclarece Jaspers, se pudermos olhá-la fora das implicações naturalistas típicas da formação médica de Freud, ou além de suas pretensões exageradas de fazer um saber último ou total do homem. Foi examinando o que foi a sua prática profissional de psiquiatra que Jaspers mergulhou no universo de filosofia. No entanto, toda a reflexão filosófica que ele elaborou posteriormente é necessária para clarear as posições que assumiu como terapeuta. Por isso, optamos por apresentá-las depois de propor suas teses filosóficas. Seguimos na exposição o caminho inverso à história de vida do filósofo, mas clareamos como ele vê a relação entre a ciência e a filosofia.

O tratamento dos factos psicológicos à luz da fenomenologia abre a possibilidade de uma investigação científica desses factos, a meditação de Jaspers é coerente com ela e é simultaneamente um dos mais notáveis trabalhos de criação filosófica do século XX. É o que vamos mostrar nas páginas que se seguem.

CAPÍTULO I

JASPERS E O MOVIMENTO EXISTENCIALISTA

I. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Karl Jaspers (1883-1969)¹ é um filósofo. O que significa atribuir a alguém este título? A cultura ocidental considera filósofos aqueles homens que são capazes de criar explicações para a realidade e com elas oferecer aos seus contemporâneos um sentido para o que existe, inclusive para a vida mesma. Os filósofos ganham notoriedade no Ocidente à medida que respondem às

¹ Karl Jaspers, filósofo e médico alemão, nasceu em Oldenburg, em 1883, e morreu na Basileia, em 1969. Seu pai foi director de casa bancária e sua mãe tinha origem aldeã. Trabalhou vários anos como assistente de psiquiatria em Heidelberg, universidade onde, mais tarde, se tornou professor. Em 1907, encontrou Gertrud Mayer, com quem se casou. Sua mulher exerceu profunda influência em sua vida, especialmente porque era para ele presença clara de alma luminosa, dona de seriedade inexorável e capaz de lhe oferecer grande conforto moral, segundo seu testemunho. Em 1921, obteve a cadeira de Filosofia, da qual foi afastado em 1937, por sua discordância do nazismo. Foi reintegrado em 1945. Em 1948, transferiu-se para a Universidade de Basileia, onde ensinou até se jubilar. É um dos principais representantes do existencialismo alemão. Suas obras mais conhecidas são *Tratado de Psiquiatria*, *Iniciação Filosófica*, *Filosofia da Existência*, *A Fé ante a Revelação*, *A Fé Filosófica e Filosofia*, *Razão e Existência*.

exigências ou problemas de seu tempo de um modo que sua geração reconhece como válida. Mesmo estando constantemente desafiada por dificuldades imediatas, facto que ocupa a atenção e a inteligência, a sociedade humana não prescinde de procurar um sentido amplo para o que existe: para o mundo com todas as coisas nele presentes, os entes vivos e o próprio espírito pensante. Eis as questões que traduzem essa preocupação: por que há tudo isto? O que é isto que experimento de muitos modos? Para que existe cada coisa? Para que vivo eu? Essas questões só a filosofia pode enfrentar.

Além das perguntas acima, existem ainda outras que também intrigam a humanidade e igualmente ultrapassam a categoria de problemas mais urgentes da vida, mas que nem por isso são menos importantes. Dessas questões amplas sobre o sentido das coisas e da vida humana é que ocupam filósofos de diferentes gerações. Houve um período de nossa história em que foi imprescindível saber se e como era possível confiar na transcendência porque tudo em que se acreditava nessa vida ruiu. Foi a ocasião que se seguiu à queda do Império Romano. Naquele momento, o homem desencantado de suas antigas crenças se perguntou: podemos confiar em um ser transcendente que guia a vida e se mantém íntegro enquanto tudo neste mundo se arruma? Mais tarde, quando o homem voltou a confiar no que fazia, o desencanto com o mundo foi superado, a ciência se associou à técnica permitindo realizações e benefícios nunca imaginados. Tornou-se imprescindível qualificar a nova forma de saber, descobrir as razões do seu sucesso e identificar seus limites. Foi o que ocupou a humanidade durante a Idade Moderna, explicar o que é a ciência. Perguntava-se na ocasião: por que ela não suscita as dúvidas existentes em outras formas de saber, notadamente a filosofia? O que assegura sua objectividade? Quais são seus limites?

Em outros momentos da história, as coisas se repetem conforme o momento seja de maior ou menor crise. Esses exemplos bastam para indicar que, mudando as circunstâncias em que o homem vive, alteram-se os problemas que ele precisa enfrentar e resolver. A história retraía essa relação entre o homem e mundo, conforme nos ensinou Ortega y Gasset (1994): «A história é [...] a reconstrução da estrutura desse drama que ocorre entre o homem e o mundo» (p. 26).

Não é só no universo intelectual, onde se preserva relativa autonomia dos outros domínios da vida, que os problemas se renovam, a vida mesmo traz continuamente dificuldades para as pessoas. Hoje, estamos à volta com a preservação da natureza, com a manutenção das condições necessárias para servir de sustentáculo para a cultura humana. A humanidade está desafiada a encontrar as bases de um desenvolvimento económico que não esgote a natureza que sustenta a vida.

As transformações na vida quotidiana mudam o perfil das questões que os filósofos enfrentam. No entanto, o antigo problema de saber o que é a realidade permanece desde a Grécia Antiga ocupando sucessivas gerações de homens, cujo talento e inteligência se colocam a serviço da difícil tarefa de amarrar as pontas de um conhecimento que se amplia e se fragmenta história afora.

As indagações dos filósofos durante a Idade Moderna colocaram o homem no centro da preocupação. Por essa razão, nas últimas décadas, o fim e significado da vida humana se tornaram o objecto mais importante da investigação dos filósofos. Como essa questão ganhou destaque? Ao fazer um balanço das teorias filosóficas da modernidade, Immanuel Kant (1724-1804) ²

² Immanuel Kant, filósofo alemão, nasceu em Königsberg, em 1724, e morreu na mesma cidade, em 1804. Em 1740, começou a frequentar o curso de Teologia da Universidade de Königsberg, mas estudou igualmente Filosofia e Matemática. O seu primeiro trabalho, intitulado *Pensamentos sobre a Verdadeira Avaliação das Forças Vivas*, procura conciliar o cartesianismo com o leibnizianismo. Depois que deixou a Universidade, Kant trabalhou como tutor em várias famílias ricas e tradicionais. Em 1770, aos 46 anos de idade, tornou-se professor catedrático de Filosofia com o estudo *Sobre a Forma e os Princípios do Mundo Sensível e do Mundo Inteligível*, estudo importante, pois anunciou aspectos da filosofia crítica que ele desenvolveria nos anos seguintes. Na Universidade, leccionou, além de Filosofia, Ciências Naturais, Geografia e Matemática. Onze anos depois, em 1781, publicou a *Crítica da Razão Pura*, o marco amadurecido de uma nova forma de fazer filosofia, voltada não mais para as coisas, mas para o nosso modo de vê-las, que ele denominou de perspectiva transcendental. Encontrar a razão da certeza cognoscitiva passou a ser responsabilidade da consciência transcendental, e a noção de fundamento, tal como fora postulado pela metafísica grega, perde

não só concluiu que a metafísica é um tipo de saber diferente da ciência moderna, como sugeriu que para enfrentar suas questões centrais: o que posso saber? O que devo fazer? O que é razoável esperar?, é necessário investigar o que é o homem. A intervenção de Kant deslocou o eixo do filosofar, o existir passa a se referir a um modo de ser, ao modo pelo qual o homem é.

A filosofia da existência elaborada por Karl Jaspers não se restringe a uma descrição existencial da vida, como encontramos, por exemplo, numa obra primorosa de Albert Camus. No romance o *Estrangeiro*, Camus faz uma descrição cuidadosa dos dramas pessoais da vida: a morte, o sofrimento, as dificuldades do amor, o trabalho. Camus (1957) começa seu romance com a personagem dizendo: «Hoje minha mãe morreu. Pode ser ontem, eu não sei» (p. 9) e descreve a vida da personagem desde então até sua morte, cada momento detalhadamente. A vida é o problema a ser descrito e esclarecido.

Jaspers dá uma outra dinâmica à filosofia da existência. Ele trata de enfrentar as tradicionais questões da filosofia a partir da relação que o homem mantém com as coisas. Podemos dizer que ela é uma retomada da filosofia do esclarecimento elaborada por Kant, orientada pelo desafio que o século colocou, pensar o significado de existência. Estamos diante do esforço de operar o esclarecimento da existência valendo-nos da racionalidade e da longa tradição que esses estudos tiveram no ocidente.

Essa questão foi examinada em vários momentos de sua vasta obra. Daremos destaque ao que a respeito ele escreveu em: *Filosofia*, obra em três volumes (1932), *Von Ursprung Und Ziel der Geschichte* (1949), *Os Grandes Filósofos* (1963), *Filosofia da Existência* (s. d.), *Iniciação Filosófica* (1987) e *Introdução ao Pensamento Filosófico* (1983).

significado por incapacidade da razão de chegar a formulá-lo. Com tais afirmativas, o filósofo explica como é possível a ciência, um dos problemas mais importantes de toda a modernidade. Kant também deixou relevante contribuição na esfera moral, que marca o seu pensamento político e social. O imperativo categórico está no centro de sua visão moral e consagra uma interpretação racional do reconhecimento cristão de que o homem é um ser com dignidade absoluta.

II. O EXISTENCIALISMO

O que foi dito no item anterior já nos indica os motivos pelos quais Jaspers preferia não ser considerado um existencialista. No entanto, sua filosofia aparece como resposta para as mesmas circunstâncias que animaram outras filosofias da existência. Ainda que Jaspers não fique feliz com a denominação, os historiadores da filosofia o inserem no movimento. Vamos tentar entender o que foi o existencialismo para compreendermos a contribuição do filósofo. Considerá-lo ou não existencialista fica como um desafio para o leitor; de nossa parte, não vemos problema em tratá-lo como um existencialista se conseguirmos explicar claramente em que consistem as suas teses: as dele e as do movimento que marcou o espaço filosófico no século XX.

O existencialismo é uma corrente filosófica que coloca o problema da realidade na óptica concreta do existente. Sobre a questão, diversos autores teceram considerações esclarecedoras, embora o existencialismo não se resuma a uma antropologia, sendo uma reflexão ampla sobre o real. Os diversos existencialistas caminharam nesta direção ampla de elaborar uma teoria da realidade, e Jaspers está entre eles. Tendo como pano de fundo considerações gerais sobre a realidade, o problema fundamental da filosofia contemporânea é esclarecer o que é a existência do homem, tarefa que foi levada adiante com as contribuições da fenomenologia. E o que disseram do homem?

Os existencialistas, em geral, referem-se à existência humana como realidade em movimento. O ser do homem depende do que ele virá a se tornar pelas escolhas ou pelos caminhos trilhados. É isso o que pensam os representantes mais ilustres do movimento. Martin Heidegger (1889-1976)³, outro que não gosta de

³ Martin Heidegger, filósofo alemão, nasceu e morreu em Messlirk, respectivamente em 1889 e 1976. Doutorou-se com Rickert na Universidade de Friburgo, tornando-se professor com uma tese sobre a doutrina das categorias e da significação de Duns Escoto (1916). Em seguida, tornou-se professor em Marburgo, em 1923, e, a partir da publicação de *Ser e Tempo* (1927), voltou para Friburgo para suceder a Husserl. Quais as questões mais importantes que são contempladas pela filoso-

ser filiado ao movimento, esclarece que o homem tem que escolher o seu ser, ele precisa decidir o que vai fazer com sua vida. Esse entendimento é compartilhado com autores de outras cor-

fia de Heidegger? A existência humana tem, para Heidegger, três momentos cruciais. A descoberta da própria condição, que nasce da transparência de que existir é um facto sem vínculos, sem motivos; a necessidade de construir, com base nessa condição, um sentido ou significado para a vida, isto é, executar um projecto capaz de conferir singularidade à sua presença; e, finalmente, a descoberta de que a execução desse projecto não possui qualquer fiador, a sua concretização não tem garantias. «O decisivo é justamente o projecto e a determinação que, cada vez, abrem as possibilidades de facto. A indeterminação que caracteriza cada poder ser de facto lançado da presença pertence necessariamente à decisão» (Heidegger, 1989, vol. II, p. 88). Em Heidegger, o problema da transcendência é complexo e comporta uma dupla implicação. De um lado, o *Dasein* está como que jogado no mundo; assim, o mundo lhe transcende. Por outro, o *Dasein* é quem retira do nada os outros entes; portanto, ultrapassa o mundo. A transcendência se manifesta de muitos modos nesse processo de antecipação, conforme salientou Jean Wahl: «transcendência até o mundo, até o futuro, até os outros homens, transcendência para fora do nada, transcendência até o ser» (Wahl, s. d., p. 37). O homem, entende Heidegger, é como que jogado na existência, foi-lhe dado um corpo, nasceu numa cidade e país, teve determinados pais e vive num certo tempo sem ter sido consultado sobre qualquer desses aspectos. Também não lhe foi fornecida a razão de sua entrada no mundo, cabendo-lhe elaborar o sentido de sua existência no contacto que passa a estabelecer com os outros depois que dá conta de sua condição. Esse sentimento de encontrar-se aí como um ser por fazer é a facticidade. A transcendência exprime o carácter inconcluso do empreendimento, que somente subsiste devido ao contínuo processo de superação de si. O homem está possuído por esse desafio de chegar ao ponto que projecta, de antecipar uma realidade que ainda não é presente, mas realiza seu projecto sem garantias, eis o principal de *Ser e Tempo*, ou melhor, «estamos buscando um poder ser próprio do ser aí cuja possibilidade existencial resulte atestada pelo ser aí mesmo» (Heidegger, 1962, p. 291). O *Dasein* nunca é algo definitivamente pronto, mas um poder ou uma possibilidade projectada. A captação dessa circunstância ou possibilidade de ser como interpretante chama-se explicitação. A dúvida que acompanha o homem não se identifica com a angústia, pois é mais que um abalo das certezas. Ela o envolve em

ÍNDICE

<i>Introdução</i>	9
CAP. 1 — JASPERS E O MOVIMENTO EXISTENCIALISTA	15
I. Considerações iniciais	15
II. O existencialismo	19
III. Jaspers e a filosofia existencial	36
IV. As bases da filosofia da existência	38
V. O esclarecimento da existência	39
VI. O significado da filosofia	42
VII. Dos motivos para filosofar	46
VIII. A comunicação e a verdade	54
IX. Filosofia e tradição filosófica	56
X. A razão e a crença	57
XI. A independência que a filosofia permite	59
XII. O significado da filosofia na vida do existente	61
XIII. Uma filosofia da história	64
XIV. A história humana e a crise do século	67
XV. Sobre a totalidade do curso histórico	69
XVI. Construindo nexos na história da filosofia	72
XVII. O trabalho do filósofo	75
XVIII. Intersubjectividade e política	77
XIX. Considerações finais	80
Bibliografia	83

CAP. 2 — JASPERS E A TEORIA DA REALIDADE	85
I. Considerações iniciais	85
II. Conhecendo a realidade	86
III. Tempo e espaço: considerações sobre a vivência	90
IV. Consciência da realidade	93
V. Consciência do eu	95
VI. A visão contemporânea do universo	99
VII. O mundo dilacerado	104
VIII. A realidade do ser	105
IX. Realidade e existência humana	108
X. A realidade da morte	113
XI. O englobante	115
XII. A presença de Deus na vida do existente	122
XIII. Fé filosófica e fé revelada	124
XIV. A questão moral	130
XV. A realidade do amor	138
XVI. O significado da razão	143
XVII. Os adversários da razão	146
XVIII. A realidade política	149
XIX. Considerações finais	156
Bibliografia	159
CAP. 3 — PSICOLOGIA E FILOSOFIA	161
I. Considerações iniciais	161
II. O homem no mundo	162
III. O homem em seu mundo	167
IV. Psicopatologia em tempo de mudança	170
V. Os factos psicológicos e seu estudo	172
VI. Impulso, instinto e vontade	177
VII. O método de investigação dos factos psicológicos	179
VIII. As formas de compreensão dos factos psicológicos	182
IX. A avaliação crítica das teorias	185
X. O conceito de carácter e a crítica fenomenológica à tipologia	189
XI. Fenomenologia e psicologia da associação	195
XII. Fenomenologia e compreensão	199
XIII. Consciência e inconsciência	203
XIV. Mecanismos dos sonhos patológicos	205
XV. A crítica fenomenológica à psicanálise	206
XVI. A experiência singular dos factos psicológicos	211
XVII. Fenomenologia e factos psíquicos	212

XXVIII. A tarefa da psicopatologia	217
XIX. Conhecimento humano e psicopatologia	219
XX. Psiquiatria e filosofia	224
XXI. Saúde e doença psicológica	226
XXII. Descrição fenomenológica das alterações no estado de consciência	231
XXIII. Os fenómenos psicopatológicos	232
XXIV. Os complexos sintomáticos	235
XXV. Esquema para o diagnóstico das psicopatologias	237
XXVI. A resistência à psicoterapia	239
XXVII. Transferência e limites da psicoterapia	240
XXVIII A preparação do psicoterapeuta	242
XXIX. Limites da psicologia	244
XXX. Considerações finais	247
Bibliografia	250
<i>Conclusão</i>	253
Bibliografia	261